

Queridos Homens do Terço!

A celebração da festa de Santa Teresinha do Menino Jesus marca o início de outubro, o Mês Missionário. Ela viveu poucos anos e nunca deixou o Carmelo para visitar doentes, animar celebrações, dar catequese ou fazer qualquer outra atividade que hoje chamamos de pastoral. Contudo, recebeu o título de Padroeira das Missões. Dizem que esta jovem viveu a santidade na oração e na boa convivência com as suas companheiras. Penso que Teresinha é um bom modelo para quem pretende ser missionário rezando o Terço.

Entretanto, vivemos a graça de ter um Papa chamado Francisco que, na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, escreveu: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juizes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6, 37)”.

Creio que não podemos ficar insensíveis à ordem do Papa. É necessário botar o pé na estrada; se preciso, deixar-se enlamear pelas sujeiras encontradas no caminho; correr o risco de ser acidentado pelas avalanches dos inimigos ou ferido pelo veneno das vozes contrárias, preocupadas em ser o centro com as suas estruturas petrificadas e incapazes de acolher o diferente, o machucado e o perdido nesta selva de pedra onde vivemos. O cristão não pode se conformar com tantos milhões de pessoas excluídas da dignidade de vida e, o que é pior, sem qualquer assistência religiosa, nem ao menos alguém com quem possa chorar suas mágoas e lamentar seu sofrimento.

O livro dos Atos dos Apóstolos nos apresenta muitas atividades missionárias realizadas pelas primeiras comunidades cristãs. A título de exemplo, cito a cura do paralítico realizada por Pedro na entrada do templo, quando lhe disse: “Ouro e prata não tenho, mas o que tenho te dou: em nome de Jesus, levanta e anda!”; Felipe, que explica a Palavra ao etíope e depois o batiza; a conversão de Saulo, que se tornou Paulo e entrou para o colégio dos Apóstolos. Outras passagens poderiam ser lembradas, mas essas já são suficientes para dizer que todas aconteceram dentro de um contexto oracional, quando as pessoas envolvidas se preparavam para rezar (Pedro e João), liam a Palavra (etíope), encontraram-se com Jesus (Saulo).

Concluindo, podemos dizer que a missão acontece alimentada pela oração. Santa Teresinha foi proclamada como Padroeira das Missões porque viveu intensamente em oração, com Deus e com as companheiras de Carmelo; ela uniu o amor a Deus ao amor ao próximo. Contudo, ser missionário é também ir ao encontro do outro, acudir suas necessidades materiais e espirituais, como fizeram os Apóstolos Pedro e Felipe. Mas, acima de tudo, a missão nasce de um encontro pessoal com Jesus, um encontro que transforma a vida e até muda a identidade da pessoa, como Cristo fez com Saulo ao chamá-lo de Paulo. A missão acontece quando a proposta de Deus encontra generosidade no coração humano e se torna uma ação transformadora de vidas. Ser missionário é estar à disposição do Redentor para anunciá-lo das mais diversas maneiras, mas tudo começa com a oração. Por isso, continuemos rezando o Santo Rosário.

Pe. João Batista de Almeida

Reitor do Santuário Nacional